

ENTREVISTA E HOMENAGEM



Aureliano Pacciolla nasceu no dia 6 de fevereiro no ano de 1948 na Itália. É Psicólogo Forense, Psicoterapeuta com consultório particular em Roma, Instrutor de Psicologia Clínica e professor de Psicologia da Personalidade (LUMSA). É também perito do Tribunal Eclesiástico da Diocese de Roma e do tribunal criminal de menores (Itália). Teve uma relação próxima com Viktor Frankl, tornando-se especialista em Logoterapia e Análise Existencial em 1982 em Viena. Expertise no Manual diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) é autor de 9 livros, coautor de 11 livros e publicou 58 artigos. Ministrou muitos cursos no Brasil sobre a prática clínica e também proferiu palestras e conferências em vários continentes. No Brasil publicou o livro Logoterapia e psicologia contemporânea, editado pela Cidade Nova. Prontamente concedeu essa entrevista ao editor da Revista Logos e Existência demonstrando mais uma vez sua gratidão para com o Brasil.

ENTREVISTA

Revista Logos & Existência – Aureliano Pacciolla, o senhor poderia nos relatar como ocorreu o seu encontro com Viktor Frankl? Qual foi a sua impressão? Qual a principal característica da personalidade de Frankl?

Aureliano Pacciolla – Conheci Viktor Frankl em 1972 quando decidi fazer o doutorado com o Prof. Bernhard Haering que, conhecendo o meu interesse e os meus estudos em psicologia, sugeriu-me analisar e escrever sobre a dimensão ética da Logoterapia. O professor Haering me entregou o endereço de V. Frankl e, depois de ter lido os seus livros (aqueles traduzido até então por Eugenio Fizzotti), o escrevi. Com minha total surpresa me responde muito rapidamente (naquele tempo não existia a internet). A primeira experiência com Frankl foi epistolar, mas, ofereceu-me a sua disponibilidade de ir a Viena para falar com ele sobre a minha tese de doutorado.

Frankl também me deu o endereço do Prof. E. Fizzotti para colaborar com ele; de fato, pouco depois que nos conhecemos nos tornamos amigos. Dentro de dois meses V. Frankl e E. Fizzotti – graças a B. Haering - tinham entrado em minha vida e a partir daquele momento eles nunca saíram da minha mente e do meu coração: estes três grandes personagens fizeram parte da minha vida, do meu DNA existencial. Obviamente aquela primeira carta que Frankl me escreve a considero como “a relíquia do meu batismo profissional”.

A primeira vez que encontrei pessoalmente V. Frankl foi num congresso na Itália (Salerno), não pensava que iria se lembrar de mim. E. Fizzotti foi me apresentá-lo naquela ocasião e notei que ele se recordava muito bem de mim e da minha tese, me reconfirmou a sua disponibilidade em nos encontrarmos em Viena. Entretanto, naquela ocasião eu estava muito emocionado e ele muito ocupado com outras pessoas e trocamos poucas palavras. Por outro lado, o meu segundo encontro com Frankl – em um congresso em Jesolo (Veneza) – foi verdadeiramente decisivo. Também nessa ocasião estava com E. Fizzotti e fiquei muito deslumbrado pela grande quantidade de tempo de atenção que me dedicava. Nos dias do congresso me convidava para almoçar na sua mesa junto a sua esposa Elly e com Fizzotti. Em uma ocasião me pediu uma caneta e um papel de carta. Depois que entreguei notei que tinha a intenção de escrever e, nesse meio tempo eu conversava com Fizzotti e a senhora Elly. Pouco tempo depois eu percebi que ele tinha desenhado algumas caricaturas minha. Na verdade, foi um grande cartunista (também de si mesmo). Naquele mesmo congresso Frankl me pediu para traduzi-lo do inglês para o italiano as questões que os vários médicos e psiquiatras lhes formulavam. Começamos a nos familiarizar com uma visita que fizemos a Veneza. Lembro-me que enquanto eu estava andando em Veneza, Eugenio Fizzotti conversava com a Sra. Elly e eu com o prof. Frankl. Percebi que muitas vezes Frankl parava para observar as vitrines de algumas lojas e perguntei-lhe se ele queria comprar algo em particular ou algum souvenir. Ele me respondeu que estava apenas curioso para ver as armações dos óculos. Arisquei-me a pedir-lhe uma explicação por esse insólito interesse e me disse que um de seus hobbies era projetar armações de óculos e que alguns desses modelos também foram feitos por uma empresa que fabricava óculos. Então, imediatamente comecei a conhecer Frankl em muitos aspectos pessoais, mais que do que as suas publicações em seus livros e artigos de jornalísticos. Desde então, a relação entre Frankl, Sra. Elly e Eugenio Fizzotti tornaram-se cada vez mais intensa. Visitei-o em Viena onde me acolheu em sua casa, uma vez me solicitou uma aula para na Policlínica onde trabalhou (na frente de sua casa) para sintetizar a minha tese. Outras vezes fui a sua casa com Eugenio Fizzotti e outras vezes com pequenos grupos de pesquisadores em Logoterapia. Obviamente, eu aproveitei esta oportunidade para fazer muitas perguntas sobre Logoterapia diretamente para ele e para apresentar meus casos clínicos. Sinto-me honrado de ser considerado um amigo da família. Assim, a minha primeira impressão de Frankl foi uma extrema abertura e atenção não só para mim, mas para todos aqueles que dele se aproximavam. Para mim era evidente que era um gênio e o que estava em seus livros era apenas uma pequena parte do homem e amigo Frankl. A principal característica de sua personalidade era uma grande empatia e uma capacidade de explicar conceitos psicológicos complexos de forma muito fácil e simples.

Revista Logos & Existência – Viktor Frankl integrou a religiosidade humana em sua teoria considerando-a

como um fenômeno saudável, entretanto não explicitou a sua própria vivência religiosa. Como ele expressava a sua relação pessoal com Deus?

Aureliano Pacciolla – De fato é verdade. Nos escritos de Frankl e em suas aulas ele me falava da sua religiosidade pessoal e da sua relação pessoal com Deus. Em todos os nossos encontros, em várias ocasiões perguntei algo sobre sua religiosidade, mas sempre foi de poucas palavras. Em particular, uma vez me disse que a religiosidade faz parte do âmbito da maior intimidade da pessoa, e por isso era bom protegê-la com um sentido de pudor. A religiosidade autêntica, disse ele, estava em nítido contraste com todas as formas de exibicionismo e era compatível com a descrição. A religiosidade pública pode ser uma manifestação da dimensão social da espiritualidade, mas reduzi-la aos ritos para expô-la seria uma grave distorção. Recordo de um episódio que fiquei impressionado: Estávamos no carro e fomos de Messina para Taormina; Viktor Frankl estava com sua esposa Elly, Prof. E. Fizzotti e eu. Assim que chegaram aos arredores de Taormina V. Frankl nos pede para ficarmos em silêncio. Todos nós no carro permanecemos em silêncio diante deste pedido incomum. Depois de uma breve pausa, Frankl pronunciou palavras incompreensíveis para mim e para Eugênio. Depois a Sra. Elly explicou que era uma oração em hebraico que Viktor recitava para agradecer a Deus por ter chegado a uma cidade e agradecer antecipadamente aqueles que o hospedariam. No dia seguinte, perguntei a Frankl desde quando ele tinha esse hábito, e ele respondeu que tinha herdado de seus pais. Então, depois de alguns anos, retomando sobre este mesmo tema da oração (que incluiu contemplação) me disse que fazia uma prece similar quando chegava a um novo país ou continente como, por exemplo, quando ele foi para a América Latina. Eugenio e eu comentamos sobre esses episódios e nos sentimos privilegiados por essa “dádiva” de sua intimidade e de como ele viveu a sua relação com Deus. Na verdade, eu não tenho conhecimento de que outros tenham presenciado ele recitar uma oração.

Para Frankl a espiritualidade é a dimensão mais peculiar da natureza humana e a relação com Deus é apenas, em uma pequena parte, consciente. Em sua essência a espiritualidade é inconsciente.

Revista Logos & Existência – Pacciolla, o seu pai foi militar e passou um ano e nove meses em um campo de trabalho forçado em Graz na Áustria. Há alguma semelhança entre a experiência de seu pai e a de Frankl nos campos de concentração?

Aureliano Pacciolla – Sim. A semelhança foi e ainda hoje é muito forte. Na verdade, uma primeira sintonia que eu senti com Frankl lendo os seus livros (antes de conhecê-lo pessoalmente) foi constituída pelas semelhanças com as histórias que meu pai me contou, desde que eu era pequeno, e as descrições do livro "Um psicólogo no Lager". A identificação foi notável: Frankl era como meu pai e meu pai era como Frankl. O fato de que meu pai era católico em um campo de trabalho forçado e Frankl um hebreu em um campo de concentração não era para mim uma diferença significativa. O fato de que Frankl foi um psiquiatra famoso que tinha conhecido Freud e meu pai era um padeiro desconhecido, quase analfabeto, não foram relevantes para mim.

Além da experiência comum de sofrimento, para mim era e é muito importante que ambos tinham entrado no campo do seu sofrimento enamorado, com um pacto de amor com a pessoa amada. Pena que depois desta sua

"experientia Crucis" Frankl teve a trágica notícia de que sua amada morreu e meu pai pôde abraçar minha mãe... e dois anos depois de eu nasci. A primeira vez que fui a Viena, disse tudo isso a V. Frankl e com muitos outros detalhes sobre meus pais, porque ele me pediu. Frankl deveria me acompanhar em Graz, mas surgiu um imprevisto no último momento e eu fui sozinho. Ao retornar de Graz para Viena, na sua casa Frankl me presenteou com um livro com sua dedicatória para meu pai. Naquele momento minha comoção foi ao máximo. As semelhanças de suas histórias e suas experiências foram muitas e tinha formado uma grande relação espiritual entre meu pai e Frankl. De fato, quando eu voltei para a Itália eu conversei com meu pai e minha mãe desta belíssima experiência e eles estavam muito orgulhosos desta proximidade afetiva. Pena que na década de 1970 não existia Skype, caso contrário eu teria reunido eles virtualmente.

Revista Logos & Existência – Frankl costumava afirmar que na época de Freud os problemas eram de ordem sexual e que na sua época (segunda metade do século XX) as questões mudaram para as inquietações existenciais. Ainda continuamos na época de Frankl? A demanda atual ainda é o vazio existencial?

Aureliano Pacciolla – Creio que a questão do vazio existencial e do sentido da vida seja sempre atual por que faz parte da natureza humana. Em todos os tempos e em todas as culturas a pessoa se pergunta sobre o sentido das coisas e da vida; a busca de sentido não tem fronteiras. Infelizmente somos nós, com os nossos reducionismos, que interpretamos a realidade e os problemas de um ponto de vista restrito. Por isso, alguns pesquisadores (psicólogos, sociólogos, filósofos) reduzem os problemas apenas em uma dimensão ou considerando a realidade apenas de um ponto de vista. De fato, a amplificação de uma perspectiva é possível quando há um vazio existencial. Como para cada homem o vazio de significado, o não-sentido e o contrassentido são intoleráveis e criam um grave transtorno, então apenas para preencher este vazio utilizam-se dos valores que são secundários ao sentido da vida. Por conseguinte, o sexo, o dinheiro, o entretenimento e outros valores secundários se tornam primários quando a vida é vazia de sentido.

Ainda hoje a não percepção do sentido da vida (ou uma percepção pobre do sentido) é um risco muito perigoso: se a vida não tem sentido, então a vida não tem valor. Mas também o contrário: se minha vida não tem valores, então não tem sentido viver. Esta equação perigosa está na raiz de uma vasta sintomatologia e a Logoterapia visa tratar esta raiz. Também a prevenção deve partir dos valores da vida e da minha vida. O que dá valor a vida são os projetos e o fato de considerar a vida como uma oportunidade para levar a cabo uma missão. Para explicar tudo isso aos meus pacientes e aos meus alunos uso a metáfora da mulher grávida porque representa muito bem que há em si um projeto que já começou a existir e tudo o que existe tem significado antes que começar a existir. Como uma mulher grávida também cada pessoa é portadora de um projeto ou uma missão e quanto mais tem consciência desta missão, mais percebe a vida com um sentido no qual o sofrimento e os sacrifícios têm um significado e, portanto, pode-se enfrentar melhor. Desta forma, cada pessoa se predispõe a melhorar a qualidade de sua própria vida. Inserir uma diagnose e um tratamento neste contexto existencial nos permite tornar mais eficaz na nossa psicoterapia, seja qual for a abordagem. Por isso a questão da Análise Existencial e da Logoterapia hoje é muito importante, assim como a sua eficácia.

Revista Logos & Existência – O que é o cognitivismo existencial? Como podemos relacionar o cognitivismo com o existencialismo?

Aureliano Pacciolla – Frankl foi o primeiro cognitivista porque tudo o que – na teoria e na prática – foi estruturado pelos primeiros cognitivistas dos anos de 1960 (A. Ellis, A. Beck) foi hipotetizado e aplicado por Frankl no fim dos anos de 1930. Frankl foi o primeiro a se aproximar do cognitivismo (dando ênfase as funções mentais, mais do que o comportamento observável) pelo existencialismo por meio da abordagem fenomenológica. O existencialismo de Frankl é derivado do pensamento de Max Scheller e de Martin Heidegger. Algumas fotos testemunham o vínculo de amizade com Heidegger e frequentemente – não apenas em seus livros – Frankl fazia referência também ao pensamento dialógico de Martin Buber. Para mim, no pensamento de Frankl, a consciência é o ponto de encontro entre o cognitivismo e o existencialismo. A consciência se manifesta e se desenvolve por meio do equilíbrio entre liberdade e responsabilidade.

Para mim, a consciência – de acordo com Frankl como “**órgão do significado**” – é também o centro do cognitivismo existencial porque é o âmbito onde você pode perceber o sentido da vida. A consciência é o centro da tomada de decisões de cada homem.

No cognitivismo existencial há um esquema de base similar ao Cognitivismo Comportamental, mas com algumas extensões e insights. Como sabemos, o cognitivismo clássico – diferentemente das teorias psicodinâmicas – **considera o caso clínico a partir de “A” (antecedentes), seguida pela “B” (beliefs) e da “C” (consequences)**. Obviamente, existem muitas outras extensões para esse esquema básico, mas a base da psicopatologia e da psicoterapia são os processos cognitivos e meta-cognitivos. Isso já havia sido destacado por Frankl, embora o termo “metacognição” ainda não era conhecido.

Em minha opinião, o cognitivismo comportamental clássico uniu na “C” as consequências em termos de sensações e emoções. Para mim, é necessário distinguir a “C” para indicar as emoções (raiva, ansiedade, culpa) e adicionar a “D” (dessensibilização) para indicar as repercussões sobre o corpo (sensações na garganta, no peito, estômago, olhos, sudorese, dentre outros). A ênfase dada aos processos cognitivos muitas vezes levou a subestimar as reações fisiológicas e o papel do corpo na psicoterapia cognitiva clássico. Para uma antropologia mais completa o Cognitivismo Existencial adiciona um “E” para indicar uma dimensão existencial: o porquê o sujeito quer curar; qual é o valor que fornece o seu maior bem-estar.

O “E” deve evidenciar se o pedido de ajuda tem como objetivo apenas a satisfação de uma necessidade pessoal ou também uma necessidade dos outros. De fato, uma coisa é querer curar apenas para que “eu” esteja bem; outra é curar para que eu possa levar a cabo uma missão que eu tenho na vida. Trazer à consciência dessa dimensão é para mim a verdadeira “**maiêutica**”: Ajudar - com o diálogo socrático – a estar consciente e dar à luz ao sentido de minha recuperação (ou de minha melhora) como algo útil e necessário não só para mim, mas também para os outros. Estar ciente de que é necessário curar para um propósito, ou ter a consciência de lutar (contra a doença) por uma causa que beneficia também a outros, aumenta a nossa resiliência. Hoje temos uma grande quantidade de evidências de que esse tipo de resiliência existencial está fortemente correlacionada, seja

com os mecanismos de defesa psicológico seja com o sistema imunológico. Ter um projeto e lutar por uma missão, ao mesmo tempo fortalece o corpo e a mente e nos permite melhor enfrentamento tanto em relação aos problemas predominantemente orgânicos (em psico-oncologia, em doenças psicossomáticas) quanto os problemas prevalentemente psicológicos (ansiedade, depressão, culpa patológica, síndromes obsessivas). O Cognitivismo Existencial adiciona a consciência dos valores no tratamento psicoterapêutico. O senso de dignidade adiciona uma força extra para enfrentar algum trauma grave, como, por exemplo, o abuso sexual. A experiência histórica de todos os povos nos leva a considerar que uma força que pode motivar as mudanças são os valores e, assim, por que não apelar também para os valores morais pessoais do paciente a lidar com seus problemas? O cognitivismo existencial ajuda os pacientes a envolver não apenas os recursos físicos (o corpo) e recursos psicológicos (a mente e as emoções), mas também os recursos noéticos (os valores) para resolver as várias problemáticas.

Revista Logos & Existência – Como estudioso e discípulo de Frankl, como o senhor percebe a juventude atual? Como é possível encontrar sentido em um mundo injusto e desigual? Como dizer sim à vida nos dias de hoje apesar das ameaças do mundo moderno?

Aureliano Pacciolla – Os Jovens (crianças e adolescentes) para dizer "sim" a vida e para enfrentar a ameaça de uma sociedade injusta precisam de nós adultos, especialmente dos "modelos de vida". É necessária uma educação para a percepção do sentido desde a infância. Por exemplo, junto com a criança olhar para as estrelas e ajudá-la a passar da percepção do caos, ou a dispersão das estrelas (tais como pontos brilhantes em desordem) a percepção da ordem e da harmonia. Ou, observar a natureza, demorar-se sobre uma flor e ensinar as crianças à contemplação da beleza das formas e das cores; ou se maravilhar com um pôr do sol ou outro evento da natureza. A medida que cresce, é importante educar para sensibilidade artística, porque cada obra de arte e toda expressão artística é uma expressão da espiritualidade.

A espiritualidade é autotranscendência; uma expressão da espiritualidade é qualquer atitude que vai além de suas próprias necessidades e seus próprios interesses e que se direciona para o benefício de uma causa pró-social. Por exemplo, o voluntariado é uma expressão da espiritualidade. Não é necessário que a espiritualidade seja, necessariamente do tipo religioso, em um contexto religioso. Espiritualidade é muito mais amplo do que uma religiosidade, especialmente a religiosidade fechada, com base em dogmas e ritos. O homem precisa de espiritualidade e de modelos adultos de espiritualidade. A Injustiça social pode desafiar a capacidade heroica para ir além de suas próprias necessidades e seus próprios interesses.

Revista Logos & Existência – Na sua visão, qual o panorama da logoterapia na América Latina?

Aureliano Pacciolla – A experiência que estou tendo nos últimos anos na América Latina é muito formativa para mim. Também Frankl e Fizzotti me incentivaram nessa formação profissional e social. Em primeiro lugar, eu observei um nível muito elevado de qualidade acadêmica e um desejo de aprimoramento tanto nos jovens quanto nas pessoas mais velhas. Os intercâmbios culturais que tenho com colegas e estudantes na América Latina são para mim uma fonte de formação humana e acadêmica. Uma característica dos pesquisadores latino-americanos

é a vontade de integrar os vários modelos psicoterapêuticos. A recepção da abordagem da Logoterapia e Análise Existencial sempre foi muito entusiasta, desde a primeira vinda de Frankl. Ele próprio me disse várias vezes com muito interesse. Creio que grande parte do futuro da psicologia esteja na América Latina. Conheço muitos pesquisadores que ensinam e publicar com um nível de qualidade muito elevada. Estou sempre muito orgulho em colaborar nos programas de formação e de pesquisa que se encontram na América Latina. Alegro-me que esta cooperação continue. Hoje, o avanço tecnológico caracteriza algumas destas colaborações o que definitivamente aproxima a abordagem humanista-existencial e permitirá um grande desenvolvimento.

Revista Logos & Existência – Ao ser indagado sobre o sentido de sua vida, Frankl respondeu que o encontrou ajudando outras pessoas a encontrarem um sentido em suas vidas. Como Aureliano Pacciolla encontra sentido em sua própria vida?

Aureliano Pacciolla – Imitando Frankl. Espero que outros possam imitar Frankl nesse aspecto. Precisamos de psicólogos que considerem também a dimensão espiritual (ou noética), mas acima de tudo precisamos de educadores (começando com os pais) para dar uma formação para a autotranscendência.